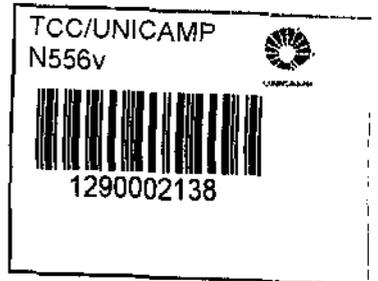


**NELSON ROBERTO NIERO FILHO**

**A VILA MARIA ZÉLIA E O FUTEBOL DO CORINTHIANS**

**Orientadores : Prof. (a) Alberto Dines**  
**Vera Regina Toledo Camargo**

**CAMPINAS**  
**1997**



## ÍNDICE

- INTRODUÇÃO	01
- JUSTIFICATIVA	01
- METODOLOGIA	04
- PARTE 1 : VISÃO GERAL DAS VILAS OPERÁRIAS NO BRASIL	05
- PARTE 2 : HISTÓRICO DA VILA MARIA ZÉLIA	09
- PARTE 3 : LUIZINHO NO CORINTHIANS	14
- BIBLIOGRAFIA	19
- CONCLUSÃO	20

## INTRODUÇÃO

O trabalho foi estruturado em 3 partes contendo em cada uma delas um pouco da história da Vila Maria Zélia. Na primeira parte “Visão geral das Vilas operárias no Brasil “ - traz um panorama da formação das vilas operárias no Rio de Janeiro e em São Paulo mostrando o contexto histórico para a formação das vilas.

Na segunda parte “ Histórico da Vila Maria Zélia “ , nos concentramos na Vila Zélia , desde a sua criação e as mudanças de donos e relação : Patrão x Empregados.

Na terceira parte “ Luizinho no Corinthians “é mostrado um gênio do futebol brasileiro, com todas as suas características próprias ( o drible, a finta , a alegria de jogar futebol , e muito mais ... ) e também faremos uma viagem ao ano de 1955, acompanhando Luizinho em um grande momento em sua carreira.

## JUSTIFICATIVA

A história do futebol brasileiro, apresenta muitas situações diferentes - em relação as mudanças da sociedade ( o crescimento desordenado das grandes cidades brasileiras ) as diferenças sociais gritantes e não resolvidas. O futebol está no meio disso tudo; e a Vila Maria Zélia teve a sua importância na cidade de São Paulo , para o maior clube paulista - “ O Sport Clube Corinthians Paulista “ , com as presenças do saudoso Roberto Beligero e de um dos maiores ídolos do Corinthians de todos os tempos : Luizinho. Pela formação de um grande time juvenil , Luizinho chegou ao Parque São Jorge em 1949 e até 1967 vestiu essa gloriosa camisa.

O importante é ressaltar a estrutura da Vila Maria Zélia para o futebol paulista, pois sendo uma Vila operária - era interessante pois os operários viviam próximos à fábrica onde trabalhavam . O futebol une as pessoas é mais do que um esporte ( não apenas um exercício físico ) é gozação, brincadeira , lúdico. Num ambiente propício ao futebol ( era incentivado pelo patrão Jorge Street ( 1894 - 1939 ) que era dono da Companhia Nacional de Tecidos de Juta ).

Na lógica capitalista, a moradia tem um valor de desfrute e um valor de

negociação. Quando ela é ofertada ao operário, mediante um aluguel módico, passa a intervir no processo de produção à medida em que é somada , pelo capitalista , ao salário. Essa relação “ prende o empregado ao empregador - Até casa ele me deu ! A mão - de - obra familiar, bem como o aprendizado das crianças no trabalho industrial, são utilizadas na redução do custo da substituição da mão - de - obra, ao mesmo tempo que obtém uma força de trabalho estável e disciplinada.<sup>1</sup>

- Nessa disciplina é importante : as festas religiosas, o futebol - nas tardes de domingo , as normas a serem seguidas, pôr exemplo : não era permitido a per noite de parentes ou amigos na Vila Zélia. A figura de Jorge Street era fortíssima, seu carisma frente aos operários imenso. Jorge Street costumava ser o padrinho dos filhos de seus operários , o que deixava os operários orgulhosos.

Meu interesse sobre esse tema, tem vários detalhes. Primeiro : Eu morei em uma Vila operária , em Valinhos - SP - na Vila Gessy. As lembranças são muitas : a harmonia entre as pessoas, uma solidariedade incrível entre todo mundo. As mulheres ( na época era raro as mulheres trabalharem fora - isso há vinte anos atrás ... ) ajudavam - se mutuamente. As crianças brincavam juntas num parquinho ( em frente à minha casa ! ) e no outro período iam para a pré - escola ( sem carteiras para sentar ... ) . Mas com muita vontade de aprender. Havia uma integração muito grande entre as pessoas, os valores eram outros, não se tinha tempo para “ falar mal dos outros “, não tinha importância nenhuma - o ano do carro do vizinho ou o modelo de vestido da amiga ... O consumismo destrói os valores sociais, substituindo - os pôr “ lixo banalizado “ . A vida das pessoas se apressou demais, ( não temos tempo para nada ... ou fingimos não ter ? Para um simples bom dia ! ou como vai ! Estamos correndo contra o tempo e cada vez mais sozinhos. Sonhar, ter momentos de descanso não há lugar na óptica capitalista para eles.

O fator preponderante para a minha reflexão sobre o tema, foi uma

reportagem no programa “ Grandes momentos do Esporte “ da TV Cultura, à qual contava a história da Vila Zélia como bairro operário e mostrava o vínculo com os jogadores Roberto Beligero e Luizinho , grandes ídolos do Corinthians. Me apaixonei pela história da Vila Zélia, e sendo corinthiano já conhecendo a carreira de luizinho “ O Pequeno Polegar “ decidi escrever sobre o tema. Logo em seguida , saiu uma reportagem no Jornal Folha de São Paulo - do dia 20 de Setembro de 1996, sobre a Maria Zélia , com a historiadora Palmira Petratti ( à qual tem uma tese de doutoramento da USP ) Conversei com o autor da reportagem André Fontenelle , que me passou informações sobre o assunto e continuei minhas investigações jornalísticas.

Infelizmente a vida não é só de alegria, no dia 30 de Outubro de 1996 o ex-craque Corinthiano Roberto Beligero , morre em São Paulo . Dedico este trabalho a ele.

Saudades de Belangero \* ( 28 /06 / 28 - + 30 / 10 / 96 )

Para quem não o viu jogar resta a lembrança e o depoimento dos mais velhos. Roberto Belangero é um dos nomes mais respeitados na história do Corinthians. Do time infantil do Esporte Clube Maria Zélia, um clube do bairro da Penha em São Paulo, Belangeiro veio mostrar seu futebol no Corinthians. Junto com ele, o Maria Zélia mandou o atacante Luizinho, o zagueiro Valocci, e o ponta esquerda Colombo - lendas do “ Timão “. Quem teve o prazer de vê-lo em campo, afirma que se tratava de um meio campista inteligente, elegante no jeito de jogar, hábil no trato com a bola. Sua carreira foi toda construída no Corinthians . Ele conquistou os títulos de Campeão Paulista nos anos de 51, 52 e 54, ano do IV Centenário. Copa Rio em 52. O Torneio Rio-São Paulo em 53 e 54 .Copa Charles Muller em 54 e Charles Muller Internacional em 55. Foi técnico do Corinthians em 63 e jogou 17 vezes pela seleção brasileira.

O historiador do Corinthians, João Bosco recorda dos bons tempos em

que Belangero comandava o meio campo corinthiano: “ Um volante como poucos. Embora fosse um excelente marcador, o Roberto não fazia muitas faltas no jogo, ele tinha muita categoria. Ele saiu do Corinthians para o futebol Argentino, foi jogar no Newell’s Old Boys. Além de craque ele sempre foi um bom caráter, sempre que podia comparecia nas nossas confraternizações. Gostava muito de rever os amigos. O Roberto era uma pessoa muito querida. “ Bosco diz ainda que a notícia de seu falecimento pegou todos de surpresa : “Ele estava aparentemente bem de saúde. Mas, infelizmente, aconteceu o que ninguém esperava. Todos ficamos muito tristes “.

Ultimamente Roberto Belangero não mantinha contato com o futebol. Com a situação financeira razoável, ele estava dando aulas de inglês. Roberto partiu aos 68 anos, deixando saudades a toda uma geração de corinthianos.

## METODOLOGIA

Comecei o trabalho indo atrás de matérias sobre o Luizinho e o Roberto Beligero. Uma reportagem do jornal FOLHA DE SÃO PAULO , sobre o atual estado da Vila Maria Zélia, me interessou. Entrei em contato com o repórter André Fontenelle, que me forneceu mais dados sobre a Professora Palmira Petratti - e após longo tempo entre telefonemas, reformas ( na UNICAMP , me impediu de ler o trabalho da professora Palmira, com maior antecedência ) e desencontros - consegui dar prosseguimento em meu trabalho.

Outra linha de investigação se concentrou na Vila Gessy em Valinhos, não consegui nada e só perdi tempo. Fui fazendo o trabalho de acordo com o meu tempo disponível, pois trabalho em dois lugares e não é fácil assim encaixar tanta coisa junta.

Gostaria de ter feito um trabalho mais elaborado. Não pude fazer as entrevistas que o trabalho necessitava. Mas vou continuar essa pesquisa a aí melhor estruturado poderei fazer um trabalho melhor. Gostei do resultado do meu trabalho, pois só eu sei o quanto me custou realizá - lo.

## **Parte 1 : As Vilas Operárias no Brasil**

**Introduzido em São Paulo no final do século passado como esporte de elite, o futebol foi, aos poucos , se popularizando e fazendo adeptos pôr todas as camadas sociais. Em meio à classe trabalhadora , nas fábricas e nos terrenos descampados dos bairros operários , ele conquistou uma posição de destaque.**

**As margens dos rios foram transformadas em campos de futebol e passaram a funcionar como ponto de encontro e divertimento de trabalhadores e suas famílias . A expansão dos times de várzea e a incorporação de seus jogadores aos clubes tradicionais foram etapas importantes da difusão do futebol no Brasil. Ao lado da várzea , os clubes mantidos pôr empresas , principalmente indústrias , foram importante meio de popularização do jogo.**

### **Formação dos times de fábrica no Rio**

**O clube de fábrica , com maior destaque no Rio de Janeiro , foi o Bangu mantido pela Cia. Progresso Industrial , mais conhecida como Fábrica Bangu do Rio de Janeiro , uma tecelagem brasileira de capital português. O The Bangu Athletic Club foi fundado em 1904 pelos funcionários ingleses - técnicos e mestres especialmente contratados na Inglaterra , para se divertirem nas horas de folga , com a devida aprovação dos diretores da tecelagem . A direção da empresa comprou as camisas e cedeu um terreno de sua propriedade para a instalação do campo de futebol.**

**Sem esse tipo de ajuda , a prática esportiva teria sido inviável. Contudo , os ingleses do Bangu não conseguiram formar duas equipes completas para jogarem entre si . Além disso , a localização de Bangu, um bairro suburbano, e as dificuldades de transporte desencorajaram seus compatriotas , que trabalhavam em outras**

empresas , de irem até lá. A solução foi recorrer aos operários da tecelagem , que certamente estavam com muita vontade de arriscar alguns chutes. Assim os trabalhadores tiveram acesso a um jogo até então exclusivo da colônia inglesa e das camadas sociais mais favorecidas . Através do Bangu , o futebol começou a se democratizar no Rio de Janeiro.

### **Futebol e o Movimento Operário**

O processo de difusão do futebol entre a classe trabalhadora não foi estranho a anarquistas e comunistas , durante as primeiras décadas do século . Alguns sindicatos se ocuparam dessa questão com certo entusiasmo , chamando o futebol de “ esporte burguês “ , poderoso “ópio “<sup>3</sup> capaz de minar a união e a organização da classe . Mas, enquanto esses grupos promoviam acirrados debates quanto à aceitação do futebol , o esporte continuava conquistando adeptos entre os trabalhadores. O apego à doutrina política e a certa visão de mundo impedia que anarquistas e comunistas compreendessem que o futebol já fazia parte da cultura operária.

Enquanto os anarquistas mantiveram - se contrários ao futebol , sindicatos e grupos de tendência comunista resolveram mudar sua forma de atuação , tentando organizar o lazer operário de modo a contrapô - lo à “cultura burguesa “ . Passaram a defender o funcionamento dos sindicatos como centros de atividades educacionais e recreativas , capazes de conduzir a uma “ consciência proletária “ . Propunham uma espécie de autogestão do futebol pelos trabalhadores, uma campanha de “proletarização do esporte “

---

<sup>3</sup> Para aprofundar no assunto, ler a tese da Professora Palmira Petratti

**Anarquistas e comunistas, embora relutantes em aceitar a prática do futebol no meio operário, assistiram à derrota de suas resistências, acabando por reconhecer que a população do jogo e sua adoção pela classe trabalhadora eram irreversíveis. Mesmo com todas as restrições ao futebol - tanto os anarquistas e comunistas, muito contribuíram para a difusão do futebol entre a classe operária.**

### **Clubes de Fábrica : Profissionalização**

**As Décadas de 40 e 50 foram o apogeu dos times de fábrica no Brasil, a vida dos operários - jogadores, estava melhorando - os donos das fábricas começaram a valorizar o “ capital esportivo “ dos operários, em decorrência do aumento da rivalidade entre as fábricas; Se fez necessário um melhoramento dos times : com equipes melhores preparadas, e com jogadores de boa qualidade técnica, chegando ao ponto de na hora da contratação de um novo operário, dava - se preferência a um bom futebolista à um bom operário.<sup>4</sup>**

**Com o passar do tempo e o desenvolvimento do profissionalismo, operários - jogadores puderam se transformar, exclusivamente, em atletas profissionais, passando a viver apenas dos proveitos desta atividade. Os exemplos daqueles que alcançaram fama como profissionais nos grandes clubes do país fortaleciam o sonho da ascensão social através do futebol.**

**Garrincha foi o mais famoso desses casos, começou sua carreira como**

---

<sup>4</sup> Veja em Revista Dossiê Futebol, pág. 102 a 109.

operário - jogador em 1949, no time do Sport Club Pau Grande. Esse grêmio fora organizado pelos operários da tecelagem Cia. América Fabril de Pau Grande ( RJ ) onde Garrincha trabalhava desde menino. Graças ao seu excelente desempenho como jogador, ele conseguiu manter o emprego na tecelagem . Todos acreditavam que Garrincha se tornaria um atleta profissional - de grande futuro futebolístico. A previsão acabou se confirmando, mesmo depois de várias tentativas sem sucesso no Vasco, no Fluminense e no São Cristóvão. Garrincha fez carreira como profissional no Botafogo e celebrizou - se pôr sua atuação na seleção brasileira em 1958 e 1962, conquistando dois campeonatos mundiais de futebol.

...” Vinha cá na intermediária, recolhia a bola : velocidade zero.  
Num segundo, dava - se o arranque, um metro adiante,  
aquela explosão muscular lançava - o no espaço com a leveza  
de um passarinho :  
se quisesse voar, voava, mas não era preciso tanto para chegar  
ao ninho ( não existe uma história de aninhá-la nos fundos das  
redes ? ) . Bastava frear o corpo, arrancar de novo pela direita -,  
e lá se ia pôr terra o equilíbrio universal dos laterais. “

ARMANDO NOGUEIRA<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> O jornalista Armando Nogueira, escreve sobre o Garrincha em seu livro “ O Homem e a bola “

## **Parte 2 : Histórico da Vila Maria Zélia**

**Jorge Street fez uma tentativa de solucionar os problemas relativos à estabilidade, controle e à formação da mão - de - obra. A implantação sistemática de uma política social possibilitou à Companhia Nacional de Tecidos de Juta dispor de mecanismos de controle sobre sua mão - de - obra pelos quais transcendiam aquele exercido somente ao nível do trabalho nas fábricas. Tais mecanismos manifestavam - se**

**de forma direta no cotidiano da vila operária, atingindo o operariado sob diversas maneiras : na educação, através da construção de escolas primárias e creches para os filhos**

**dos operários ; na saúde , mediante o fornecimento de assistência médica e odontológica ;**

**na religião , pôr meio de festas religiosas celebradas na vila ; e no lazer , realizando**

**promoções de bailes , passeios , jogos , teatro ; e na moradia , com a construção de casas**

**operárias.**

**A construção das vilas operárias urbanas insere - se no processo da industrialização , constituindo - se etapa de formação do operariado , ligando - se às tentativas de solução do problema de fixação da mão - de - obra especialmente**

**diferenciada. Outras vilas construídas nos moldes da Vila Zélia , foram : Vidraria**

**Santa Marina , Cotonifício Crespi , Cigarros Sudan , Chapéus Ramenzoni, Companhia**

**Lacta e Matarazzo .**

**A construção das vilas operárias insere - se nos quadros de mudança de**

estratégia patronal em relação à disciplina do operariado. Até o final dos anos 10, assiste-se à aplicação de medidas punitivas e policiais. Passa-se então para um projeto racional de moldagem do novo trabalhador. A “nova fábrica higiênica e racionalizada” corresponde a formas elaboradas, sofisticadas de dominação, tendo à frente um patrão não mais arbitrário.

Sente-se o desejo burguês em passar seus valores, introjetados no universo operário de maneira sutil, a partir do modelo que a burguesia fez do trabalhador.

A vila operária, ao mesmo tempo que dá ao empresário a garantia de uma mão-de-obra estável, facilita-lhe a imposição de um estilo de vida, através de um código de conduta que extrapola os limites da fábrica e alcança os trabalhadores em sua intimidade, em seu lar, em seu lazer, como um novo campo de moralização e vigilância.

A vila-cidadela, cercada por muros, deve oferecer conforto e sofisticação aos operários, atendendo suas necessidades, proporcionando assistência médica e pedagógica, prática de esportes, diversões etc., de tal forma que limite a vida de trabalhador a esse espaço, resguardando-o das “contaminações ideológicas e morais”. Criam-se laços familiares entre moradores e patrões. As concessões, em forma de beneficência patronal como os abonos, as festas, os prêmios etc., reforçam os laços de afetividade, trazendo ao trabalhador a idéia de que ambos - patrão e operário - pertencem a uma grande família, cujo patrão é o “pai” de quem se recebe

proteção e a quem se deve lealdade.

O tempo do trabalhador - morador é controlado através de normas disciplinares ,  
horários , apitos etc . O tempo penetra no corpo e com ele todos os controles minuciosos do poder ( Foucault ).

A realização do projeto de construção da fábrica e vila operária Maria Zélia

inicia -se em 1912 , quando Jorge Street compra as terras do Cel. Fortunato Goulart , no

Belenzinho. O terreno ia do rio Tietê até a avenida Celso Garcia.

segundo depoimento de seus filhos , o empreendimento da vila operária

centralizava os interesses de Jorge Street , que dessa maneira pretendia melhorar as condições

de vida dos trabalhadores . Contratara o arquiteto francês Padarrieux para projetar a fábrica,

as casas , igreja , escola , creche , áreas de lazer etc.

A partir de 1919 , Jorge Street atravessou graves dificuldades financeiras e de

produção. Mesmo na fase crítica dá ordem para construir outras casas e continuar as obras sem

poder completa - las. Também não pode contar com os trabalhos do arquiteto Padarrieux .

Inaugurada em 15 / 05 / 1917 , a vila foi sendo dirigida pôr Jorge Street até 1923 , quando

renunciou à direção da Companhia .

Em 1924 a fábrica e a vila são vendidas , ficando em mãos dos Scarpas até 1928 .

**Em 1929 o grupo Guinle tomou posse novamente da vila , em pagamento à hipotecas vencidas e**

**restituiu - lhe o antigo nome , Vila Maria Zélia. Em seguida , a vila e a fábrica passaram para as mãos**

**do Estado , particularmente ao IAPI ( Instituto de Aposentadoria de Pensão dos Industriários )**

**e posteriormente ao INPS ( Instituto Nacional de Previdência Social ) , devido a dívidas fiscais.**

**A fábrica , pôr sua vez , ficou fechada , servindo no período de 1935 a 1938 de presídio político**

**( dentre os presos ,estavam : Antônio Cândido , Caio Prado Jr. entre outros ... ) .**

**A partir de 1939 até 1968 , os moradores pagam o aluguel para o IAPI . Em 1969**

**os moradores puderam comprar suas casas , pagando prestações pelo sistema BNH . Somente em**

**1979 a vila , que era totalmente particular , foi transformada em logradouro público**

**O complexo Vila Maria Zélia constitui um documento fundamental de uma época**

**e de uma forma de ocupação do espaço urbano . Situada no bairro operário do Belenzinho ,**

**está bem localizada , sob o ponto de vista de bairros operários , próxima ao Belém , Brás e Penha.**

**Na rua dos prazeres , travessa da rua Catumbi , próxima a fábrica Goodyear ( ex -**

**Maria Zélia ) , encontramos uma paisagem que se diferencia . Um grande portão de ferro separa a**

**vila da rua. Adestrando a vila , encontramos um lugar extremamente calmo e agradável. Um jardim**

**com árvores frondosas , flores , pássaros e inúmeros velinhos sentados nos bancos da praça da**

**Igreja , ciosos de seu passado e sua história.**

### Parte 3 - Luizinho no Corinthians

**“ O drible do ponta , o passe do meio - campo , o vôo do goleiro , obras esculpidas no vento , são castelos de nossas tardes pelos estádios : no momento mesmo da criação , já o sopro do tempo destruía tudo .**

**Abençoada a obra que nasce e morre e renasce do ânimo lúdico de brincar . Na essência do esporte , a ação entendida como brincadeira pura . E se o gesto participa uma bola , aí , então , amigo , aí principia o jogo que há de levar o homem à purificação . “**

#### ARMANDO NOGUEIRA

**Muitos jogadores deixaram o time do Maria Zélia e foram para o Corinthians , nos anos 40. Dentre todos um se tornou um dos principais ídolos do Corinthians foi Luiz Trochillo ( 7 / 03 / 1930 ) - O Pequeno Polegar ...<sup>7</sup>**

**Quando o Pequeno Polegar entrava em campo , com os calções enrolados para não cobrir os joelhos , a torcida delirava. O moleque Luizinho - o herói do Corinthians em 1949 , adorava. Gostava de implicar com o meio - campo do Palmeiras Luis Villa , chegando até a sentar na bola só para expor o gringo ao ridículo. Baixinho folgado ! Vivia aprontando , apanhando , levando cacete , voltando . Sempre acenando com a mão , chamando o adversário para tomar outra . A torcida adorava . E se fartou do número de vezes que ele entrou em campo : 589 jogos pelo Corinthians , o jogador que mais vezes defendeu o time . Em 1953 , foi o melhor craque em campo durante a Pequena Taça do Mundo , em Caracas . Em Montevideu , foi o autor do único gol feito contra a Argentina , no Estádio Centenário . Em 1956 , no Pacaembu , deu um baile na**

---

<sup>7</sup> O apelido Pequeno Polegar, deve-se ao fato da altura de Luizinho e há um gibi do pequeno polegar - vencia a força com a inteligência ( com Luizinho fazia . )

**Checoslováquia ( 4x1 ) , enlouquecendo os europeus com suas manhas. “ Teve um momento em que eu e o Zizinho fizemos oito passes sobre a cabeça de um zagueiro altão. Parecia uma rede de pingue - pongue “.**

**Baixinho valentão ! Acabou brigando com o técnico Sílvio Pirrilo , que liberou seu passe, dispensando - o . Ficou revoltado . Aquilo era ingratidão . Foi parar no Javentos dizendo que iam sentir sua falta . Adivinhou . Em 1964 , a equipe do Parque São Jorge o chamou de volta . Luizinho voltou . Com a injustiça reparada. Mas já estava pronto para pendurar as chuteiras . Molecagem ...**

**Luizinho tinha 1,67 m e 58 Kg . Sua jogada preferida era enfiar a bola pôr entre as pernas dos adversários. Rápido e habilidoso , o ponta - de - lança armava tanto o lado direito como o esquerdo do time . Em dezenove anos de Corinthians ( 1949 a 1967 ) fez 74 gols e ganhou títulos paulistas ( 1951 / 1952 / 1954 ) e do Rio - São Paulo ( 1950 / 1953 / 1954 / 1966 ) . Atualmente Luizinho é aposentado pelo Corinthians e mora perto do Parque São Jorge . No mesmo Parque São Jorge há um busto do Luizinho , reverenciando esse grande ídolo corinthiano .**

**“ Em nome da bola , forma sublime , em nome da grama que floresce da infância , em nome do gesto gratuito que faz o encanto do esporte , deitemos fora a aritmética do futebol. E que as portas dos estádios se reabram no tempo próximo para que lá , como Albert Camus , possamos viver outra vez doces momentos**

de inocência. “

**ARMANDO NOGUEIRA<sup>8</sup>**

**Estamos no dia 15 de Outubro de 1955**

## **ASTRO DA SELEÇÃO :**

# **O ANTIGO MEIA DO INFANTIL !!!**

**Quando Luizinho despontou no time aspirante do Corinthians ,  
formando a famosa ala canhota com Colombo ( Também ex - Maria Zélia )  
zombando de seus adversários e da pelota , conquistou um lugar no coração da  
torcida corinthiana.**

**Passou - se o tempo , tendo a ala - esquerda corinthiana alcançado  
uma posição de destaque nos certames de aspirantes , ostentando um cartaz invulgar.  
Num prélio contra o São Paulo , surgiu , com a camisa número oito do alvi - negro ,  
o irrequeto garoto loiro. O Corinthians perdeu , mas a estréia de Luizinho foi  
convincente , tendo assinalado um tento e ainda cumprido uma boa performance.**

---

<sup>8</sup> O jornalista Armando Nogueira escreve sobre a arte dos jogadores de futebol, em seu livro “O homem e a bola”

**“ Esse peito só usou essa camisa e ,  
fora ela , só será abrigado pela  
jaqueta paulista e brasileira , “ diz Luizinho.**

**Daí para diante a conquista da glória foi rápida e Luizinho , embora tivesse deixado o onze principal corinthiano algumas vezes , retornava após algumas partidas, pois , jamais encontrou quem o substituísse.**

**Luizinho poderia ter atingido a sua verdadeira posição na constelação nacional , talvez antes , mas em diversas oportunidades seu espírito galhofeiro , colocando o espetáculo em primeiro lugar e depois a produção do conjunto , fez com que seu jogo fosse prejudicado não dando benefício à equipe.**

**Luizinho sentindo a bola nos pés se empolgava , de tal maneira , esquecendo - se de que jogava com mais quatro companheiros e proporcionava autênticos shows. Mas , um dia Luizinho criou juízo. As brincadeiras e molecagens tinham um limite e o clube necessitava de um elemento que trabalhasse antes de mais nada pelo conjunto. Ele transformou - se. Deixou de reclamar com o árbitro , passando a jogar futebol sério , não havendo com isso perdido seu jogo a vistosidade inconfundível , colorido pelas fintas estonteantes e espetaculares do Pequeno Polegar.**

**No IV Centenário ele se caracterizou pela regularidade de suas atuações, sendo o principal baluarte do ataque corinthiano garantindo vitórias memoráveis, colaborando direta e indiretamente na consignação dos tentos que dariam ao alvi - negro do Parque São Jorge , um dos mais brilhantes feitos de toda a história do futebol bandeirante.**

**Luizinho hoje é um craque completo , com diploma de doutor em futebol. Em seleções paulista e brasileira , seu nome não mais pode ser olvidado. Recentemente em Montevideu , o endiabrado meia corinthiano fez seu “ debut “ em gramados estrangeiros com a camiseta do “ scratch “ e saiu - se airosoamente , provocando elogios de Zezé Moreira. Luizinho está na brecha , como dono da camiseta número oito do selecionado nacional , e temos certeza que não decepcionará.**

**“ Ah , se eu pudesse recompor, para o menino que chega os melhores momentos do Pacaembu \* : quanta mágoa ali convertida em riso pela simples abstração de um gol ! Tanta gente sem endereço ali já teve seu momento de herói e semideus , projetando a própria alma no gesto de seu ídolo . “**

**ARMANDO NOGUEIRA**

## **BIBLIOGRAFIA**

- Toledo, Luiz Henrique. Revista Dossiê Futebol, São Paulo, Ed. da USP., 1984 p. 102 a 109.**
- Nogueira, Armando. O Homem e a bola, Rio de Janeiro, Ed. Mitavaí., 1986 p. 45, 48 a 50.**
- Petratti ,Palmira Teixeira, Pensamento e Ação do Industrial Jorge Street ( 1894 - 1939 ) , São Paulo, USP, 1989, p. 120 a 188.**
- Buck, Ervin Thomas. A Gazeta ilustrada, São Paulo, 1955, p.33 e 34.**
- Revista Raça Corinthiana, São Paulo, 1996, p. 29.**

## CONCLUSÃO

Os clubes de fábrica desenvolveram um profissionalismo próprio , singular e também uma estreita relação com o futebol profissional ; Ao se popularizar , o futebol ganhou novos significados simbólicos , ideológicos , socioeconômicos .<sup>6</sup> Transformou - se em fenômeno social de grande importância , envolvendo uma complexa rede de relações sociais e de interesses , às vezes mais , às vezes menos divergentes . Sua difusão em meio operário levou empresários a incentivarem a organização de clubes de fábrica não apenas como forma de diversão e lazer : essas agremiações , ao participarem de campeonatos oficiais , divulgavam o nome da empresa e seus produtos .

Esse lado capitalista , racional , estudado - é um lado apenas, o que me interessa é ressaltar a felicidade. Um modo de vida específico de uma época , num determinado lugar. A alegria estava ali . Não de uma forma vazia - mas no sorriso das crianças em jogar futebol e nas lágrimas das pessoas de idade, aos quais sentem muita falta desse tempo.

Não era o paraíso na terra - havia problemas , dificuldades e em especial , uma palavra : camaradagem . Só quem morou em vila operária , sabe disso e eu morei ( Vila Gessy - Valinhos - SP ) A inveja não pega. Não faz sentido se indispor com seu vizinho pôr coisas menores - o respeito prevalecia.

O futebol mudou muito dos anos 40 e 50 pra cá , Jogadores como Luizinho, Cláudio , Garrincha entre outros ... Jogariam hoje ? Um tempo em que

---

<sup>6</sup> Aprofundamento do assunto na Revista Dossiê Futebol, pág. 102 a 109.

as torcidas adversárias sentavam juntas nos estádios , e torciam à vontade para seus times . A história da vila Maria Zélia e o Corinthians é muito bonita , e merece mais estudo ( Pretendo continuar esse trabalho - realizando as entrevistas que não pude fazer e aprofundar - me no tema ) e atenção quanto à situação da vila atualmente.

Foi um trabalho exaustivo, tive problemas sérios , não tive nem um real para gastar com o trabalho, tempo muito menos. Fiz o que pude para realizá - lo.

O prazer de poder mergulhar no passado do “ meu “ Corinthians, e no da Vila Zélia foram muito interessantes, e me incentivou à continuar pesquisando, conhecendo a nossa história tão esquecida e desconhecida pôr nós mesmos.

Obs : Houve erro no tamanho da numeração das páginas - foi corrigido e na hora de imprimir não adiantou. Outros erros foram corrigidos e na impressão saíram errados.